

PREDIÇÃO DA FENOLOGIA DO GIRASSOL EM FUNÇÃO DA TEMPERATURA

N.A. Barni - Ecologia Agrícola IPAGRO/CIENTEC.

M.A. Berlato - Depto. de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia/UFRGS. Cx. Postal 776, Porto Alegre, RS.

G. Sartori - Ecologia Agrícola - IPAGRO/CIENTEC. Gonçalves Dias, 570, Porto Alegre, RS.

A predição da fenologia assume importância decisiva no planejamento agrícola, tanto na atividade produtiva em nível de campo quanto no processo de comercialização. Para este estudo foram utilizadas informações fenológicas de nove cultivares de girassol avaliadas nas estações de crescimento de 1981/82 até 90/91, em diferentes regiões do Rio Grande do Sul. As unidades térmicas efetivas de cada cultivar de girassol foram determinadas pelo método residual, ou seja, temperatura média diária menos a temperatura-base para cada subperíodo do desenvolvimento. As unidades térmicas efetivas foram calculadas para cada dia e totalizadas para cada um dos subperíodos. Em termos médios, as cultivares testadas necessitam em torno de 940 $^{\circ}$ C de soma térmica efetiva para o subperíodo emergência-floração inicial, com variação entre 800 $^{\circ}$ C a 1220 $^{\circ}$ C. Por outro lado, necessitam de 680 $^{\circ}$ C para o subperíodo floração-inicial-maturação, com oscilação entre 580 $^{\circ}$ C a 830 $^{\circ}$ C. Por sua vez, o período emergência-maturação exigiu, na média das nove cultivares, 1620 $^{\circ}$ C de soma térmica efetiva, com dispersão entre 1380 $^{\circ}$ C para os genótipos mais precoces e 2010 $^{\circ}$ C para aqueles mais tardios. A predição da fenologia pelas unidades térmicas em ambientes mais frios, pela antecipação da sementeira ou pela sementeira em regiões de maior altitude, apresenta discrepâncias pela redução da soma térmica exigida pelos genótipos em tais ambientes.